



O Dr. Otílio de Carvalho Figueiredo nasceu em 19 de Agosto de 1909, em Vila Real, numa casa situada na Rua da Misericórdia, que ainda existe com o n.º 38 – a então designada por “Casa da Laranjeira”. Mais tarde, a família passou a viver numa casa da Rua Camilo Castelo Branco, no gaveto sul com a Travessa da Portela.

Era filho de Francisco de Carvalho Figueiredo, da Casa do Rego, de Mondrões, e sua Esposa Dona Maria de Jesus Ribeiro, natural de Vila Real. Neto paterno de Caetano de Carvalho Figueiredo e Dona Loreto Rodrigues da Silva e materno de Joaquim Alves Ribeiro e Dona Amélia Albertina Cardoso Lima.

O pai era militar, assim como um tio paterno, de nome Aníbal. Ambos foram tenentes de Infantaria no RI 13, combateram na I Grande Guerra e participaram na revolta de 3 de Fevereiro de 1927, no Porto, sob o comando do Major António Fernandes Varão.

Otílio Figueiredo herdou de seu Pai os ideais de liberdade e honrou-os ao longo de toda a vida. “É até tradição da família que, quando o destacamento de Vila Real embarcava no comboio que o levaria à Régua, para dali seguir para o Porto, nesse dia 3 de Fevereiro de 1927, o pai teve de expulsar da carruagem o jovem Otílio, que, com os seus 18 anos incompletos, frequentando o então 7.º ano do Liceu, queria à fina força participar na aventura, à semelhança do que via fazer a alguns outros civis, entre os quais se contavam os indefectíveis republicanos vila-realenses Manuel Lima e Francisco Araújo.” (Tellus, n.º 34, Junho de 2001)

Por volta dos 8 anos de idade, seus pais já reconheciam nele inclinações artísticas, tendo-lhe proporcionado lições de música e desenho.





Na adolescência, vemo-lo a integrar o Grupo de Adueros nº 24, de Vila Real, espécie de escuteiros de ideologia republicana, bem em consonância com os ideais políticos do jovem. No grupo teve papel preponderante.

Concluído o sétimo ano do Liceu, Otílio Figueiredo passou o ano lectivo de 1928/29 em Lisboa a fazer os preparatórios para a Escola Naval. Mas na capital, longe da família e entregue a si próprio, não obteve os resultados desejados. A música absorve-lhe o tempo. Ganha dinheiro, tocando piano e violino em bares, e editando peças musicais de sua autoria. Alguns dos tangos que compõe são editados pela conceituada firma Sasseti.

Perdido o ano, Otílio Figueiredo não voltará para Lisboa. Em vez disso, vai para o Porto, onde se matricula em Medicina e simultaneamente no Conservatório de Música. À margem dos estudos, filia-se na Associação dos Estudantes Republicanos, de que será dirigente, e envolve-se no pronunciamento militar de 1931 (a chamada Revolta da Madeira). Em consequência disso, é forçado a transferir-se para Coimbra, onde levará até ao fim a licenciatura em Medicina.

A par com os estudos médicos, dedica-se à música e inscreve-se no Orfeão Académico, de que foi ensaiador e presidente. Ainda em Coimbra, começa a revelar propensão para as letras, que o acompanharia para o resto dos seus dias.

Concluída a licenciatura em Medicina em 7 de Novembro de 1935, regressa a Vila Real. Em 1936, vemo-lo a exercer clínica em Justes, e bem assim a exercer uma acção pedagógica junto da população, no que toca quer à higiene e à profilaxia, quer à própria actividade agrícola.

Casa em Justes, a 23 de Maio de 1936, com Dona Maria Estela Palheiros Fontes, que lhe deu dois filhos, Otílio e Eurico. Ambos virão a ser, tal como seu Pai, médicos distintos e cidadãos intervenientes.

Em 1938, é nomeado médico municipal. Mas, certamente por se encontrar em oposição ao ideário do Estado Novo, é demitido em 8 de Junho de 1946, o que lhe levantou problemas de natureza económica, pois tinha já uma família para sustentar. Fixa-se então em Vila Real, em 1950 e nesse mesmo ano abre uma clínica onde o grande cirurgião Bissaya Barreto, seu antigo mestre e amigo, vem quinzenalmente operar.

A casa de saúde, que em 1958 passará a designar-se Clínica do Prof. Doutor Bissaya Barreto, desempenhou um papel de grande importância no panorama das instituições de saúde em Vila Real.



Paralelamente com o exercício da medicina, Otilio Figueiredo desenvolve notável acção cívica e cultural. E também política: em Vila Real, era, por assim dizer, o “rosto da oposição”. Foi candidato a deputado pelo CDE, tinha pertencido às comissões distritais de apoio às candidaturas de Norton de Matos (1948) e Humberto Delgado (1958) para a Presidência da República. Mas sempre num espírito de tolerância e humanismo – postura que o acompanhará até ao fim, mesmo após o 25 de Abril, em que os tempos eram propícios a excessos e vinganças.

Otilio Figueiredo foi, como já deixámos perceber, um homem de muitos talentos. A pintura, a caricatura e a música foram alguns deles. Mas aquela a que acabou por se dedicar com mais afinco foi a literatura.

A sua primeira obra, de intenção mais pedagógica que literária, é o ABC das mães, de 1971 (2.ª edição em 1981). Seguem-se os seis contos e uma novela de Gente simples, de 1974, em que as suas preocupações humanas e sociais são já evidentes, como continuarão a ser ao longo da sua obra, que inclui outro livro de contos, Canhenho dum médico (em dois volumes, respectivamente de 1978 e 1983, o segundo com o subtítulo Histórias deste mundo e do outro), quatro romances (Os cem anos da avó Ricardina, de 1976, Ressuscitemos os cravos vermelhos, de 1977, O cabo Mingas, de 1982, e A praga dos gafanhotos, de 1984), um roteiro de Vila Real (Pórtico, 1.ª edição em 1979), histórias infantis (Era uma vez!..., de 1982, com ilustrações de Manuela Bacelar), poesia (Interlúdio, de 1981) e um volume compósito (Miscelânea, sem data, mas presumivelmente de 1987).

Nesta obra – a última publicada em vida –, o autor informa ter para publicação um romance, Culpado e inocente, a 3.ª série de Canhenho dum médico e Viagem ao redor da vida (sem indicação de género, mas provavelmente uma obra autobiográfica).

Não obstante a dimensão e qualidade da sua obra, Otilio Figueiredo diz, numa entrevista publicada no n.º 32 da Revista Tellus: “Cheguei ao cabo de mais de uma dezena de livros e penso que ainda não fiz o ‘tal’ livro... Sou um insatisfeito. Estou sempre à espera de melhor. Os meus diálogos são incompletos pela deficiência que preside à sua feitura, mas nunca por falta de carinho. No entanto posso afirmar-lhe que estou sempre a fazer o mesmo livro, porque é sempre a mesma essência que os anima e sempre o mesmo objectivo que lhes serve de matéria-prima: o meu semelhante.”

Os livros permaneceram até ao fim a sua paixão. Retirado da vida clínica, escreve e publica a um ritmo muito vivo. Abre em 1984 a Livraria Setentrião, onde cria uma espécie de tertúlia de fim de tarde. Como editor, publica obras



suas, mas também de vários outros autores trasmontanos e estimula os autores jovens.

Otílio Figueiredo morreu em 4 de Outubro de 1988. A Câmara Municipal homenageou-o, postumamente, dando o seu nome à rua que dava acesso à Clínica do Prof. Doutor Bissaya Barreto, e atribuindo-lhe, mais tarde, a medalha de ouro de Mérito Municipal.

* * *

A relação de Otílio Figueiredo com Vila Real é a de um homem comum para quem, nas suas palavras, a autenticidade e a sinceridade constituem o valor mais recorrente da sua existência. E porque, como igualmente dizia Otílio Figueiredo, não basta viver, é necessário conviver, a sua presença vai-se notar desde muito cedo, marcada por um temperamento artístico multiforme, capaz de transformar o acto de escrever num momento de diálogo e partilha da sua vivência com os seus conterrâneos e com Vila Real.

No caso de Otílio Figueiredo decidimos valorizar o que está a montante da obra de escritor.

Ou seja, o seu amor a Vila Real, que documentamos no opúsculo Pórtico (oferta do Autor à cidade no dia 10 de Junho de 1979, em que o Dia de Portugal foi aqui comemorado) e na divulgação da obra de Heitor Cramez. Também o seu dia-a-dia de pediatra e de João Semana, que faz a sua clínica no meio rural, nas décadas de 1930 e 1940, materializado no ABC das mães. E finalmente o espírito jovem e democrático de um homem de rara sensibilidade social e desejo de tudo partilhar, reflectido nos seus livros.

Não encontramos em Otílio Figueiredo um aluno distinto do Liceu Camilo Castelo Branco. Os exames de 2.º, 5.º e 7.º conclui-os com 11 valores (os dois primeiros) e 10 valores (o terceiro). Mostrou-se, isso sim, um jovem activo e interveniente que se encontra com a política em plena Ditadura Militar e nos dois anos que a antecedem, em plena 1.ª República, e nos dois que se lhe seguem, em pleno Estado Novo. Tudo isto antes da sua formatura em Medicina, pela Universidade de Coimbra, em 1935. Assim, nos três meios universitários que frequentou mostra-se politicamente activo como republicano, contrário aos ideais que se instalam com a Ditadura Militar: envolve-se na luta política; integra a comissão de propaganda do Centro Republicano Académico e as representações da Academia nos órgãos da Universidade (Coimbra); profere conferências; é dirigente do Orfeon Académico; como artista plástico,





participa no V Salão Académico e mais que provavelmente faz caricaturas para livros de curso; e dirige, juntamente com Mário Saraiva, o quinzenário dos estudantes de Medicina Paracelso.

Em Lisboa, aquando dos preparatórios para a Armada (os jornais vila-realenses referem-no antes como aluno da Escola Médica, ao lado de Mário Júlio Durão e Armando Ferreira), dedica-se à música, dessa actividade tendo ficado três tangos, todos editados pela Sasseti em 1929 (Quem te disse?!, Sempre... Não! e Magnólia), mais um intitulado Perdoas-me?, publicado no Porto em edição de autor, em 1931.

Mas é em Vila Real que inicia essa multiforme actividade cívica e artística. Os primeiros versos escreveu-os aqui. Aqui integrou também o Grupo de Adueros n.º 24, espécie de escuteiros associados ao movimento republicano e aos militares da 1.ª República, cabendo-lhe discursar na festa de aniversário do grupo em 1925 e participar como actor amador em duas comédias levadas à cena na festa do ano seguinte. Integrou o Orfeon Transmontano como barítono, depois de provas prestadas no exame de vocalização que teve lugar no Teatro Salão entre os dias 10 e 12 de Outubro de 1925. Participa nesse mesmo ano no Corpo Coral que se exhibe no Teatro Circo num sarau promovido pela Associação dos Bombeiros Voluntários de Salvação Pública e Cruz Branca. Finalmente, regressado de Lisboa, participa de novo como actor amador do Grupo Cénico do Orfeon Transmontano, na Festa do Trabalho (1 de Maio de 1928).

